

## É A CIBERCULTURA O LUGAR DA (MINHA) CRIANÇA? O USO DAS TICS E A MEDIAÇÃO PARENTAL NA INFÂNCIA

### IS THE CYBERCULTURE THE PLACE OF (MY) CHILD? ICT USE AND PARENTAL MEDIATION IN CHILDHOOD

### ¿ES LA CIBERCULTURA EL LUGAR DE (MI) HIJO? EL USO DE LAS TIC Y LA MEDIACIÓN PADRE EN LA INFANCIA

Fernanda Miquelão Ribeiro <sup>1</sup>  
Neide Maria de Almeida Pinto <sup>2</sup>  
Ana Louise de Carvalho Fiúza <sup>3</sup>

#### Resumo

As experiências das crianças são articuladas entre o agir infantil e as expectativas e discursos formulados em torno delas. Essas narrativas podem definir os modos de vida das crianças, causando insegurança e desorientação, sobretudo nas mães e nos pais, quando o assunto envolve as interações dos seus filhos com as tecnologias. A partir dessa temática, este artigo tem como objetivo compreender o papel da mediação parental no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) por crianças de diferentes contextos sociais na construção das Culturas Infantis. Para tanto, uma amostra composta por 57 famílias de crianças pré-escolares, matriculadas em instituições públicas e particulares do Município de Viçosa, MG, respondeu um questionário, com perguntas sobre práticas de uso das TICs pelas crianças e as mediações na família. Os resultados da pesquisa revelaram que as dinâmicas sociais e culturais em torno das interações com as TICs se dão a partir de mediação de controle dos responsáveis, desde a integração das crianças na cibercultura, como também na organização do tempo e dos espaços de educação, lazer e dos seus cotidianos.

**Palavras chave:** TICs. Crianças. Controle. Mediação parental.

#### Abstract

The children's experiences are articulated between the child's behavior and the expectations and discourses formulated around them. These narratives can define children's ways of life, causing insecurity and disorientation, especially in mothers and fathers, when the subject involves their children's interactions with technologies. From this theme, this article aims to understand the role of parental mediation in the use of Information and Communication Technologies (ICTs) by children from different social contexts in the construction of Children's Cultures. For this purpose, a sample composed of 57 families of preschool children, enrolled in public and private institutions in the city of Viçosa, MG, answered a questionnaire with questions about practices of use of ICTs by children and mediations in the family. The research results revealed that the social and cultural dynamics around interactions with ICTs take place from the mediation of control of those responsible, from the integration of children in cyberculture, as well as in the organization of time and spaces for education, leisure and their daily lives.

**Keywords:** ICTs. Children. Control. Parental mediation.

<sup>1</sup> Mestrado em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa- UFV- MG; Especialização em Inspeção Escolar, Supervisão Pedagógica e Orientação Educacional pela Faculdade de Viçosa- FDV; Graduação em Economia Doméstica e Educação Infantil pela UFV; Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Laboratório de Desenvolvimento Humano- (DED/UFV). E-mail: fernanda.miquelao@ufv.br ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5862-2852>

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora Titular vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG, Brasil. E-mail: nalmeida@ufv.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8713-5471>

<sup>3</sup> Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, MG, Brasil. Professora do Departamento de Economia Rural e do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG. E-mail: louisefiuzza@ufv.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3898-1583>

## Resumen

Las experiencias de los niños se articulan entre el comportamiento del niño y las expectativas y discursos que se formulan en torno a ellos. Estas narrativas pueden definir los modos de vida de los niños, provocando inseguridad y desorientación, especialmente en madres y padres, cuando el tema involucra las interacciones de sus hijos con las tecnologías. A partir de esta temática, este artículo tiene como objetivo comprender el papel de la mediación parental en el uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) por parte de niños de diferentes contextos sociales en la construcción de Culturas Infantiles. Para ello, una muestra compuesta por 57 familias de niños en edad preescolar, matriculados en instituciones públicas y privadas de la ciudad de Viçosa, MG, respondió un cuestionario con preguntas sobre prácticas de uso de las TIC por parte de los niños y mediaciones en la familia. Los resultados de la investigación revelaron que la dinámica social y cultural en torno a las interacciones con las TIC se da desde la mediación del control de los responsables, desde la integración de los niños en la cibercultura, así como en la organización de los tiempos y espacios para la educación, el ocio y su cotidianidad. vive.

**Palabras clave:** TIC. Niños. Control. Mediación de los padres.

## INTRODUÇÃO

A infância, tal qual a conhecemos e a concebemos, sofre influências e está se modificando em decorrência de diversas transformações do mundo contemporâneo. A partir disso, podemos citar o contato com as distintas manifestações culturais; as transformações do espaço urbano e as complexidades que implicam no cotidiano e na tomada de decisões das famílias; as formas de interação das famílias com as TICs; o “hibridismo<sup>4</sup>” entre as brincadeiras tradicionais e as “novas formas de brincar”; o “fascínio” das crianças - cada vez mais novas - pelas tecnologias. Desse modo, esse contexto implica em mudanças nas concepções de infância, assim como da compreensão do lugar social que as crianças ocupam no mundo contemporâneo.

Nesse sentido, os estudos científicos, que abordam o tema das interações sociais na infância, a partir das TICs, apontam para um contexto de transformações que passam a confrontar as próprias concepções de infância construídas sócio-historicamente, bem como as suas interações com seus pares e com os adultos. Ainda, as concepções, que definiram as representações na infância, sofreram transformações à medida que as sociedades também passaram por mudanças de muitas naturezas, tais como a ocupação das mulheres nos mercados de trabalho, a presença da mídia e as formas de contato e interação com as tecnologias digitais, além do aumento do número de divórcios e de famílias recompostas, tal como a presença de outras configurações familiares. Logo, esses fatores modificaram -e continuam a modificar- a maneira de ver e entender as infâncias, o que transformam os modos

---

<sup>4</sup> Para Kishimoto (2014), o brincar em um país continental como o Brasil, se caracteriza de formas diferenciadas em decorrência dos contextos multiculturais vivenciados pelas infâncias, mas ao mesmo tempo mostra similaridades em sua prática lúdica. De acordo com a autora, o hibridismo da cultura lúdica infantil se manifesta nas aproximações, ou seja, na mistura entre o brincar tradicional e o contemporâneo.

das crianças viverem as suas experiências cotidianas (ALCÂNTARA, 2017; WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016; MENEZES; COUTO, 2010; BELLONI, 2007). Ademais, essas experiências são articuladas entre o agir infantil, as expectativas e os discursos formulados em torno das crianças, nas diferentes épocas, e nos ajuda a entender a infância como uma narrativa de construção histórica, social e cultural (PEREIRA, 2015). Para Pereira (2002), no contexto das sociedades ocidentais contemporâneas, a relação entre adultos e crianças é marcada pela imprecisão em delimitar as fronteiras entre a infância e a idade adulta. Certamente, tais discursos geram mudanças e podem definir domínios na vida cultural e social das pessoas, o que causa insegurança e desorientação, sobretudo, de pais e professores, quando o assunto envolve as crianças e suas interações com as tecnologias.

Nesse contexto, este artigo teve como objetivo compreender a mediação parental e o controle no uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs), por crianças de diferentes contextos sociais, na construção das Culturas Infantis. Para tanto, no intuito de alcançar o objetivo, realizamos um trabalho de campo com aplicação de questionários por mães, pais e responsáveis por crianças de 4 a 6 anos de idade matriculadas em escolas públicas e particulares do Município de Viçosa, MG. Após a coleta e a análise dos dados, organizamos o produto desse trabalho em quatro partes: a primeira aborda as questões teóricas da cultura lúdica infantil e das ideias de reprodução interpretativa sobre os usos das TICs, associados aos mecanismos de controle e de mediação organizados pelas famílias, tal como baseadas nos estudos da Sociologia da Infância; na segunda parte versamos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a definição da amostra, bem como o uso do instrumento para a coleta dos dados; na terceira parte analisamos as respostas do questionário, sobre as dinâmicas sociais organizadas pelas famílias como forma de controle e mediação parental sobre os usos das TICs pelas crianças; e, por fim, na quarta e última fase, algumas considerações finais são apresentadas para acrescentar ao debate.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: AS MEDIAÇÕES DAS FAMÍLIAS E OS USOS DAS TICs NAS INFÂNCIAS**

Pesquisar o uso de tecnologias na infância, no âmbito da sociedade contemporânea, pressupõe o entendimento dos conceitos de crianças, infâncias e de cibercultura nesse contexto. As crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas (CORSARO, 2011). Para esse autor, as crianças são membros ou

operadores de sua infância. Sobre o conceito de infância, entende-se, de acordo com a definição da pesquisadora Sandra Saramago, como:

Um grupo social específico, localizado num segmento concreto do trajeto social dos atores. A infância caracteriza-se por um núcleo próprio de relações intergrupais protagonizadas pelas crianças, capazes de intervir socialmente através da autonomia atribuída pela própria experiência social (SARAMAGO, 2001, p.10).

Já sobre o termo cibercultura, Lemos (2003), diz que apesar de ter muitos sentidos, pode ser compreendido como “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias [...]”. Para ampliar esse entendimento sobre a cibercultura na infância, também nos valem da concepção de Pereira (2015) a qual acredita que a produção material e simbólica da cultura contemporânea se dá pelo “atravessamento direto ou indireto das tecnologias nas experiências cotidianas”. Segundo a autora, as experiências construídas com as TICs na cibercultura afetaram, sobretudo, material e simbolicamente, as crianças contemporâneas em seus modos de viver, de brincar, de conhecer e de se relacionar, pois, na sua perspectiva, as tecnologias são decisivas na produção e na circulação da cultura.

Por isso, o acesso às produções culturais (materiais e simbólicas) na infância, possibilita pensar sobre outras formas de organização social, ou seja, o reconhecimento dos modos plurais de ser criança e de viver as experiências da infância. Entretanto, os discursos que são proferidos sobre tais experiências, especialmente as que envolvem o uso e apropriação das tecnologias, tendem a ficcionar uma concepção de infância homogênea, que foi estabelecida no início da era moderna (PEREIRA, 2015).

Desse modo, a construção histórica da infância advém de um processo complexo de produção de representações sobre as crianças e da constituição de organizações sociais, as quais citam-se a criação da escola; a intensificação dos laços emocionais e de cuidado dos filhos na família; a produção e legitimação de saberes sobre a criança; e a promoção da administração simbólica da infância. No que se refere a essa administração, corresponde aos procedimentos, materializados em forma de atitudes e prescrições normativas, que constroem a vida das crianças (SARMENTO, 2004). A partir disso, têm-se determinadas expectativas sociais: espaços ou lugares permitidos às crianças; tipos de alimentação oferecidos e proibidos; momentos permitidos ou não na vida coletiva em sociedade. Tais regras não só direcionam o lugar da criança, como também do adulto, pois definem fronteiras claras entre as duas gerações, assim condicionam os modos de vida das crianças na modernidade e

estabelecem a 'normatividade' na sociedade (PEREIRA; JOBIM e SOUZA, 1998; SARMENTO, 2004).

Estes factores – a criação da escola, o recentramento do núcleo familiar no cuidado dos filhos, a produção de disciplinas e saberes periciais, a promoção da administração simbólica da infância – radicalizaram-se no final do século XX, a ponto de potenciarem criticamente todos os seus efeitos. Assim, a escola expandiu-se e universalizou-se, as famílias reordenaram os seus dispositivos de apoio e controle infantil, os saberes disciplinares sobre a criança adquiriram autonomia e desenvolvem-se exponencialmente, e a administração simbólica adquiriu novos instrumentos reguladores [...] (SARMENTO, 2004, p.5).

De acordo com Pereira (2012), as experiências das crianças na infância acontecem de forma combinada às suas singularidades e a complexidade da inserção cultural. Por meio das suas brincadeiras, as crianças criam e recriam um pequeno mundo com elementos garimpados do meio físico, social e cultural dos adultos. Neste pequeno mundo é possível conhecer a forma ativa e genuína de como as crianças percebem e reinterpretam a cultura, ou seja, o mundo maior em que estão inseridos.

Nos termos de Brougère (1998; 2004; 2010), a cultura lúdica também é uma produção externa ao mundo da criança e que se alimenta de elementos vindos da cultura geral. Segundo Pereira (2012), a cultura geral concentra a sua complexidade em seus artefatos, os quais estejam nos livros, nos brinquedos, nas mídias, nas tecnologias de informação e comunicação. Tais elementos apresentam o significado que as crianças têm na sociedade, isto é, o que se espera dessas crianças nas sociedades contemporâneas. Ainda, para a referida autora, tudo está em permanente diálogo com as crianças.

Nesse contexto, o conceito de culturas também nos ajuda a compreender e desmistificar as "incompletudes", além de possibilitar que se perceba a heterogeneidade nas ações cotidianas dos sujeitos crianças. Segundo Barbosa (2014), o conceito de cultura está relacionado aos estudos de Antropologia e já foi concebida como um conjunto homogêneo de práticas, normas e valores que determinavam uma sociedade. Além disso, essas características eram utilizadas para classificar e comparar os grupos por meio das culturas dominantes, porém de uma forma muito restrita por negar as práticas localizadas e as iniciativas das ações dos sujeitos. Nessa perspectiva, as crianças eram negadas duas vezes: pelo poder de uma cultura dominante e pelo poder da cultura do adulto (BARBOSA, 2014). De acordo com a referida autora, o reconhecimento da cultura da infância, em meio a outras que surgem no contexto das relações sociais, a cultura negra, a cultura jovem, cultura de massas, cultura popular, por exemplo, são concebidas em oposição a uma cultura dominante. A partir disso, Corsaro (2011) reitera que as crianças são marginalizadas pelas posições submissas na sociedade e pelas concepções da infância. No contexto brasileiro, essa concepção também

vem sendo problematizada pelo reconhecimento da interligação das culturas e por uma mescla de resistências, incorporações e recriações (BARBOSA, 2014).

As culturas infantis envolvem, portanto, as culturas dos adultos e as culturas produzidas para e pelas crianças (MÜLLER, 2006). Por conseguinte, a cultura produzida para as crianças envolve a cultura do consumo e a cultura escolar relacionada aos processos de administração simbólica<sup>5</sup> que tendem à globalização da infância. Assim, a Globalização colabora com a oferta de produtos universalizados como se todas as crianças partilhassem das mesmas condições socioeconômicas e dos mesmos gostos.

[...] as culturas infantis são as culturas produzidas pelas crianças, nos seus fazeres da vida cotidiana, sozinhas ou em interlocução com outras crianças, com a presença ou não dos adultos, no interior de uma cultura heterogênea e abrangente. As crianças estão imersas em várias culturas e singularizam essas informações culturais em seus pequenos grupos de convívio e também individualmente. As crianças têm competência para agir e, desde muito pequenas, aprendem por meio do convívio social (BARBOSA, 2014: 657).

No entanto, é importante ressaltar que as crianças contribuem para a reprodução e para a extensão da cultura, a partir das experiências com os elementos da cultura adulta, por exemplo, as tecnologias. Logo, essa maneira de pensar as crianças, como sujeitos participantes da sociedade, sobrevêm da ideia de reprodução interpretativa, nos termos de Corsaro (2011), em que permite que as crianças sejam pensadas enquanto parte da cultura adulta. De acordo com esse autor, as crianças contribuem com a reprodução e a extensão da cultura adulta por meio de suas negociações com os adultos e da produção criativa de uma série de culturas independentes com outras crianças.

Além disso, Corsaro (2011), ao se desvincular da teoria da socialização<sup>6</sup>, elabora o seu conceito da Reprodução Interpretativa para explicar o papel social das crianças na construção das suas culturas e da sua participação ativa, tanto na preservação como na mudança social. Portanto, a palavra “Reprodução” engloba a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas que, por participarem ativamente da sociedade, ficam restritas pela estrutura social existente e são constrangidas pela sociedade.

<sup>5</sup> O conceito de administração simbólica refere-se às normas, procedimentos materializados em forma de atitudes e prescrições, nem sempre formais ou encontradas em algum manual escrito, mas que condicionam a vida das crianças e que segundo Sarmiento (2004), constroem a vida das crianças na sociedade. Essas regras condicionam os modos de vida das crianças na modernidade e estabelecem a ‘normatividade’ na sociedade. A partir delas, tem-se determinadas expectativas sociais: espaços ou lugares permitidos às crianças, tipos de alimentação oferecidos e proibidos, momentos permitidos ou não na vida coletiva em sociedade. Essas regras não só direcionam o lugar da criança, como também do adulto, e definem fronteiras claras entre as duas gerações (SARMIENTO, 2004).

<sup>6</sup> Para o sociólogo Willian Corsaro, os pressupostos da teoria da socialização vão de encontro com as concepções de crianças que participam ativamente das sociedades desde o seu nascimento. Para este autor, o termo socialização tem uma conotação individualista e progressista, sugerindo a formação e a preparação da criança para um devir futuro (CORSARO, 2011).

Ainda, o termo Interpretativa se refere às contribuições ativas das crianças, para a produção e mudança culturais, e aos aspectos inovadores e criativos dessa participação. Dessa forma, as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares<sup>7</sup>, quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto no intuito de lidar com as suas próprias e exclusivas preocupações (CORSARO, 2011). Os termos *processo* e *construção*, utilizados por Corsaro (2011) para engendrar a sua tese, são essenciais para a compreensão de infâncias, pois “ambos associam à categoria infância a ideia de movimento, dinamicidade e complexidade” (ALCANTARA; 2017: 154). Para Gomes (2015), é o que permite refletir sobre o uso das TICs nas particularidades da infância e, concomitantemente, inseri-la em uma estrutura mais complexa no âmbito da família e da sociedade.

Segundo Jobim e Souza e Salgado (2009), intervir nesse contexto implica em tomar consciência de que tanto as crianças quanto os adultos são responsáveis coletivamente pela reprodução dos discursos que alimenta os processos de produção de uma cultura globalizada. Indagar sobre as experiências da criança no uso das TICs envolve um olhar crítico sobre as interações das crianças no fenômeno da contemporaneidade e redefinir as relações das crianças com seus pares, com os adultos e dos aspectos que definem a construção da sua cultura lúdica infantil. Implica em problematizar uma nova cultura lúdica ou a cultura lúdica contemporânea compreendendo-a como “um espaço social no qual as crianças, através das brincadeiras, jogos de faz de conta e fabulações, constroem valores, conhecimentos e identidades que se alicerçam em signos trazidos pelo diálogo que estabelecem com a mídia no contexto do capitalismo tardio” (JOBIM e SOUZA; SALGADO, 2009:207).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho fez parte de uma pesquisa, desenvolvida em 2018 com 57 mães, pais e avós de crianças de 4 a 6 anos, matriculadas em cinco escolas do Município de Viçosa, MG. De forma mais específica, essa amostra partiu da seleção inicial por conglomerado (BABBIE, 2003) de duas escolas públicas, rural e urbana, e também de duas escolas particulares urbanas. Ainda, foi feita a escolha de uma Escola Piloto para aplicação de um estudo piloto, o qual preliminarmente teve como objetivo a aplicação do instrumento questionário com pais de crianças que teoricamente atendiam ao mesmo perfil da amostra inicial e, posteriormente, para

---

<sup>7</sup> As culturas de pares são construídas com um grupo de crianças em idades aproximadas que se encontram quotidianamente e compartilham movimentos, valores, interesses, rotinas, artefatos, brincadeiras e espaços (CORSARO, 2011).

o controle e efetivação do instrumento (com perguntas semiabertas e abertas), sendo os resultados utilizados para compor os dados analisados. Assim, as perguntas foram configuradas de acordo com as contribuições da amostragem das famílias do estudo piloto e as considerações teóricas, o que possibilita acrescentar mais respostas, no intuito de garantia do caráter de exaustividade (BABBIE, 2003) do estudo. Nesse trabalho, as falas transcritas dos responsáveis das crianças da Escola Piloto foram utilizadas nas discussões apresentadas e, portanto, como dados da pesquisa.

Desse modo, a metodologia por conglomerado consistiu em selecionar, por etapas, as instituições, que se apresentaram por meio das informações obtidas na Secretaria Municipal de Educação de Viçosa<sup>8</sup>, até a seleção final de salas de aula com crianças (meninos e meninas) de 4 a 5 anos (1º e 2º períodos do segmento da Educação Infantil), matriculadas nas escolas municipais públicas rural e urbana e em escolas particulares do Município.

Em cada unidade amostral, ou seja, em cada escola selecionada, foi realizada uma visita, agendada com a direção, para a apresentação do projeto, pedido formal de autorização para coleta de dados nesta instituição<sup>9</sup>, escolha da turma para compor a amostra final da pesquisa e entrega dos questionários para as famílias das crianças.

Então, para participar do estudo foram convidados um dos responsáveis pela criança (o pai, a mãe ou um dos avós) que se disponibilizasse a responder a um questionário, cujas informações versavam sobre o perfil socioeconômico e cultural das famílias, bem como quanto à posse e uso das TICs. Ademais, esse roteiro foi construído baseado no Critério de Classificação Econômica Brasil da ABEP- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2016)<sup>10</sup> e nos critérios estabelecidos na pesquisa realizada no TIC CRIANÇAS<sup>11</sup> 2010.

As escolas selecionadas, pelo método por conglomerado, foram categorizadas a partir das suas localizações geográficas e pelo perfil socioeconômico das famílias. Após a análise dos dados oriundos dos respondentes do questionário: Escola Pública Urbana (C), Escola Pública Rural (C-D), Escola Particular Urbana (B) e Escola Particular Urbana (B-C), sendo que a escola que participou do estudo preliminar foi categorizada por Escola Piloto.

---

<sup>8</sup> A Coordenadora deste órgão nos forneceu duas listas que correspondia à todas as instituições, públicas e particulares que atendiam a etapa da Educação Infantil, e que se encontravam devidamente registradas, até a presente data, na Secretaria de Educação do Município de Viçosa.

<sup>9</sup> Para realizar o estudo piloto, também foi enviado um pedido formal à escola e aos representantes de pais.

<sup>10</sup> Periodicamente, o ABEP atualiza os seus critérios de classificação econômica os quais são baseados na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE. Os dados da referida pesquisa foram analisados considerando as atualizações de 16/04/2018.

<sup>11</sup> O uso dos critérios estabelecidos pela TIC CRIANÇAS justifica-se por ter divulgado dados que englobam parte da idade referente ao perfil amostral da pesquisa.



As respostas dos adultos, a partir do instrumento questionário, foram reunidas levando-se em conta as dinâmicas sociais organizadas pelas famílias, por exemplo, como forma de controle e mediação parental sobre os usos das TICs pelas crianças. Dessa forma, a discussão dos dados foi feita fundamentada nas contribuições da Sociologia da Infância, assim se elencou a Cultura Lúdica e a Reprodução Interpretativa como categorias de análise para compreender o papel do controle e da mediação parental no uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) por crianças de 4 a 6 anos, tendo em mente os seus diferenciados contextos sociais e culturais.

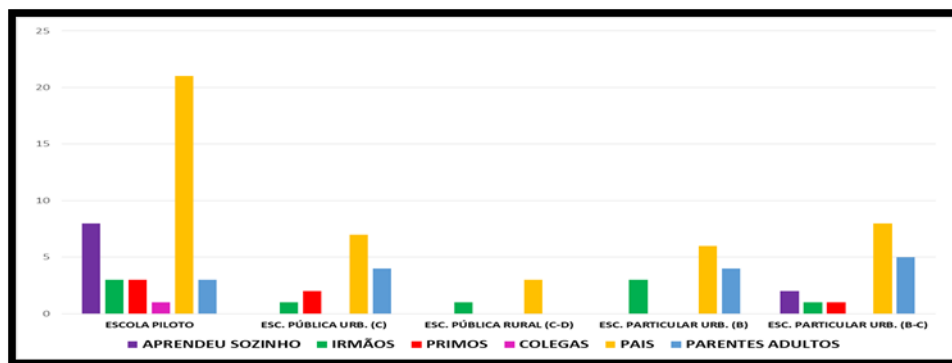
## **RESULTADOS E ANÁLISES**

No contexto de transformações das sociedades contemporâneas, a infância se modificou e abriu possibilidades de se compreender o lugar social e as novas formas de as crianças viverem as suas experiências cotidianas. Partindo desse princípio, as experiências cotidianas com as TICs, das crianças atendidas pelas escolas públicas e particulares do Município de Viçosa- MG, foram relatadas por meio das práticas sociais de mediação dos adultos, alicerçada entre os discursos e as expectativas futuras em torno dessas crianças. Percebeu-se que as dinâmicas sociais em torno das interações com as TICs se dão a partir da mediação e do controle dos adultos, sobretudo das mães e dos pais, desde a integração das crianças na Cibercultura, como também na organização do tempo e dos espaços (de educação, lazer) dos seus cotidianos.

### **A integração das crianças na Cibercultura: com quem a criança aprendeu a utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação e com quem ela as utiliza?**

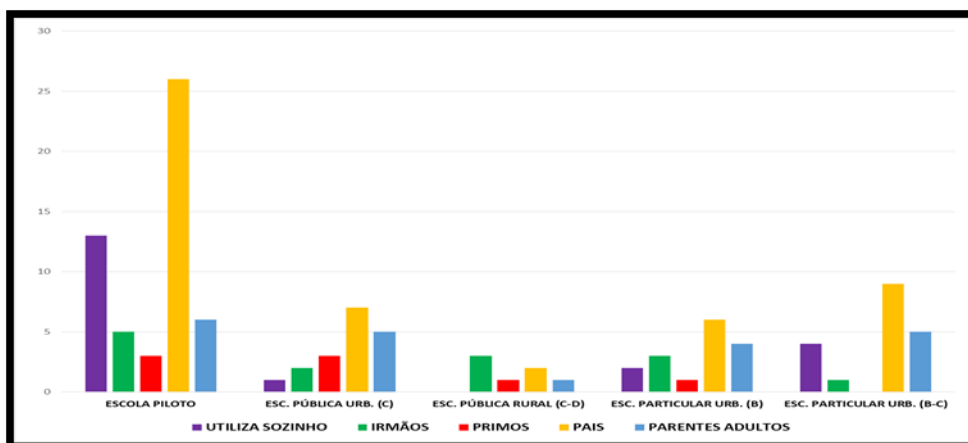
Os resultados desse trabalho exemplificam, a partir dos Gráficos 1 e 2, a seguir, a perspectiva da mediação adulta na integração das crianças na Cibercultura. Destarte, a presença das mães, dos pais e de familiares adultos, em todos os segmentos sociais e culturais (famílias que são atendidas, tanto pelas escolas públicas quanto pelas particulares), foi significativamente maior que a de crianças, no primeiro contato e na utilização das produções materiais e simbólicas da cibercultura, especificamente, das tecnologias no lar.

**Gráfico1:** Com quem a criança aprendeu a utilizar as TICs?



Fonte: Dados da pesquisa.

**Gráfico 2:** Com quem a criança utiliza as TICs?



Fonte: Dados da pesquisa.

A diminuição do tamanho das famílias contemporâneas reduziu a perspectiva de convivência e integração entre irmãos e primos na construção das culturas infantis. De acordo com Corsaro (2011), as crianças contemporâneas não podem contar com outras crianças em seus lares, ainda, também descobriram que as mesmas dependem mais dos pais e de outros adultos para sua integração nas culturas. Dessa forma, os adultos passaram a mediar a integração das crianças nas culturas de forma geral.

O trabalho de Brito e Dias (2017) desperta para uma discussão sobre a aprendizagem do uso das TICs em torno das dinâmicas familiares de classes econômicas diferenciadas. No resultado da sua pesquisa, as referidas autoras sugerem que as crianças pertencentes às classes economicamente privilegiadas aprendem a usar sozinhas as tecnologias por meio da observação e imitação dos seus pais, sendo utilizadores experientes dessas tecnologias.

Entretanto, os dados do Gráfico 1 indicam que as crianças rurais e as atendidas pela Escola Particular Urbana (B) não aprenderam a usar sozinhas o que nos provoca a questionar essa relação direta da aprendizagem das crianças e o acesso aparentemente facilitado das tecnologias em seus lares. Ainda, sobre o Gráfico 1, é possível extrair a informação de que apenas na escola rural as crianças não aprenderam a utilizar as tecnologias majoritariamente com os pais, e sim com os irmãos. Então, isso pode estar associado a um traço social característico da dinâmica das crianças da zona rural, que se relacionam mais com seus pares e outras crianças do que com os adultos.

Em geral, os dados apresentados pelos inquiridos desta pesquisa também confirmam a teoria de Pereira (2015) sobre a infância contemporânea, quando as crianças das escolas públicas urbanas e rurais e das escolas particulares de Viçosa começam a usar as Tecnologias de Comunicação e Informação com seus pares e, sobretudo, com os adultos. Por isso, essas crianças despertam nos pais os primeiros sinais de que estão ultrapassando os limites dos conhecimentos e da participação da cultura adulta, os quais lhes foram determinados no início da Era Moderna.

De acordo com Jobim e Souza e Pereira (1998), uma das consequências mais radicais do sentimento moderno da infância foi a “separação” dos adultos das crianças. Visto que as dinâmicas sociais, ligadas à educação das crianças, a qual antes se davam em entremeio à vida laboral e de lazer do adulto, foram substituídas pela aprendizagem na escola. Em contrapartida, foi exigido dos adultos que se especializassem e se instrumentalizassem para o mundo do trabalho. Tais dinâmicas não só direcionam o lugar da criança, como também do adulto, e definiram fronteiras claras entre as duas gerações. Nesse sentido, a presença adulta em todos os contextos sociais e culturais das famílias das crianças, sujeitos dessa pesquisa, caracteriza também como formas mediadas de cuidado e proteção para a inserção e o uso das TICs pelas crianças.

Nesse trabalho foi observado que a organização das dinâmicas sociais das vidas das famílias, que incluem as regras, ou nos termos de Sarmiento (2004), as administrações simbólicas para o uso das tecnologias entre crianças e adultos, se dão por meio de: o oferecimento ou não das TICs pelos adultos (mães, pais e avós das crianças) e pelo controle dos tempos, espaços e dos conteúdos das TICs.

## O controle do uso das TICs

As respostas das mães e dos pais das crianças atendidas, tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares de Viçosa, são coerentes com as narrativas de que as famílias preferem que as crianças se envolvam com atividades cujas características estão relacionadas às brincadeiras tradicionais, como jogar bola e estar em ambientes abertos em contato com a natureza. Dessa forma, as tecnologias passam a serem vistas como uma ameaça por estarem “ocupando” o tempo dessas atividades consideradas mais adequadas para as crianças viverem as suas infâncias.

*Eu prefiro deixar ela brincar mais, desenhar, andar de bicicleta, curtir mais a infância [...] (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

Entretanto, observa-se que os pais e as mães das crianças, de todas as escolas, consideram também que as tecnologias estão “em todo lugar” e que, de forma limitada e correspondente com os propósitos do discurso pedagógico, as crianças precisam aprender a literacia exigida, ou seja, adquirir as habilidades necessárias para que possam se inserir nesse cenário do uso das tecnologias.

*No mundo atual é impossível que a criança não se relacione com as TICs. Devido a isto é necessário inseri-lo neste universo. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

*Tento deixar claro que é um recurso importante, até mesmo porque é inevitável deles me verem utilizando o computador, o celular, a TV.... Então ofereço de certa forma (limitada), porque não quero que considerem as TICs essenciais, mas também não quero criar filhos alienados! (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

As respostas presentes nos questionários das famílias apontam para os mecanismos que as famílias desenvolvem para uma interação das suas crianças de maneira mais equilibrada possível com as tecnologias. Dentre esses mecanismos se encaixam as regras impostas e “negociadas” sobre os tempos na rotina da família, os espaços e conteúdo permitidos, e também com o reconhecimento de uma vivência do status social infantil correspondente com a concepção moderna, que será exemplificado, a seguir, no quadro 1.

**Quadro 1:** Motivo do controle de uso das TICs; Número de famílias que usaram a justificativa (era permitido marcar mais de uma opção):

<b>JUSTIFICATIVA/ ESCOLAS</b>	<b>ESCOLA PILOTO</b>	<b>ESCOLA PÚBLICA URBANA (C)</b>	<b>ESCOLA PÚBLICA RURAL (C-D)</b>	<b>ESCOLA PARTICULAR URBANA (B)</b>	<b>ESCOLA PARTICULAR URBANA (B- C)</b>
<b>Rotina</b>	6	2	6	5	7
<b>Tempo</b>	8	2	5	5	7
<b>Conteúdo</b>	10	11	9	15	18
<b>As preocupações com as experiências da Infância</b>	10	10	16	15	26

Fonte: Dados da pesquisa.

A prova de que o uso das TICs é estritamente controlado pelos adultos se dá pela conformidade, entre todos os níveis sociais, na qual a criança deve ser guiada sobre que conteúdos acessar, quando acessar e por quanto tempo acessar. Outro aspecto, que chama a atenção e se destaca, é o fato de as famílias da Escola Particular Urbana-B terem uma preocupação alta com o equilíbrio entre as brincadeiras tradicionais e o uso de tecnologias, o que demonstra, além do próprio controle, uma preocupação típica da contemporaneidade.

É importante frisar que o tempo é um dos fatores-chave para se compreender as transformações da sociedade moderna, pois está diretamente relacionado à organização das principais atividades do cotidiano, isto é, das rotinas culturais das famílias. Desse modo, os “tempos” são controlados conforme os instantes; duração dos tempos em horas ou minutos; o tempo presente; a sucessão e a marcação dos acontecimentos da rotina das crianças; e a tendência de seguir uma padronização social - café da manhã, almoço e jantar e higiene pessoal - e seus instrumentos de medidas.

Nos termos de Corsaro (2011), as rotinas culturais servem como ancoras as quais permitem que os atores sociais lidem com as problemáticas, os inesperados e as ambiguidades, assim se mantêm, ao mesmo tempo, confortáveis no ‘confinamento’ da vida cotidiana. Contudo, a interação das TICs na infância configurou uma dimensão de mudança na infância, porque traz imprevisibilidade e incerteza nos modos de vida sociais e culturais das crianças contemporâneas (SARMENTO, 2011). Logo, a participação das crianças nas rotinas culturais é um elemento essencial da reprodução interpretativa.

Além disso, o caráter habitual das rotinas, mais considerado como óbvio e comum, fornece às crianças, e também aos outros atores sociais envolvidos, a segurança e a compreensão de pertencerem a um grupo social. Esse caráter previsível, no entanto, fortalece as rotinas bem como fornece um contexto privilegiado no qual uma ampla variedade de conhecimentos socioculturais pode ser produzida, exibida e interpretada (CORSARO, 2011). Portanto, nessas rotinas estabelecidas pelas famílias pesquisadas, as crianças das escolas públicas e particulares de Viçosa se constituem como atores sociais, o que contribui, conforme as suas possibilidades, para a conservação e a manutenção da sociedade.

Ademais, a importância do tempo para a organização das rotinas das crianças está relacionada ao poder ou não poder fazer o uso das TICs, além de ser uma forma determinada pelos pais de tentarem organizar uma infância mais disciplinada, feliz e equilibrada com outras atividades consideradas “legítimas” das crianças, como o brincar e o estudar. Para esses pais, quanto mais tempo uma criança fica no celular ou tablet, maior é a probabilidade de as crianças desenvolverem comportamentos viciosos ou ansiedade em função do uso das tecnologias.

*Tenho um irmão que se viciou em jogos, hoje tem 26 anos e está com depressão não culpo isso, mas colocar limites é muito importante. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

A preocupação das famílias, em relação ao acesso das crianças a assuntos adultos e inadequados ao seu desenvolvimento, faz com que os pais das crianças rurais e urbanas procurem plataformas e aplicativos com conteúdos específicos infantis, por exemplo, como o *YouTube Kids*. De acordo com os respondentes da pesquisa, as crianças, que consomem tecnologias de forma ilimitada, acabam acessando conteúdos violentos, sexualizados e propagandas. A partir disso, de acordo com as mães e os pais pesquisados, as publicidades incentivam o consumo de diversos produtos como calçados, brinquedos e outros itens comerciais direcionados ao público infantil. Nesse sentido, acabam selecionando previamente um conteúdo mais adequado possível para a idade.

*[...] estamos sempre acompanhando o que ele vê e fazendo o devido controle [...]. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

*Quando assiste TV, nós colocamos os desenhos que baixamos da internet porque passa muita propaganda inadequada quando fica direto na internet. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

*Com relação aos vídeos, instalei o Youtube Kids, que já seleciona bem os vídeos. E vejo sempre o que ela acessa no Youtube comum. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

Nesse contexto, os desenhos e vídeos escolhidos pelas famílias são, na perspectiva adulta, revestidos de legitimidade por conter conteúdos específicos infantis e trazem a confiança de que não serão prejudiciais ao desenvolvimento das suas crianças. Entretanto, Pereira (2015) chama a atenção para esses conteúdos chamados “peritos”, em especial os do *YouTube Kids*, por considerar que esses aplicativos não possuem assuntos selecionados para o público infantil da maneira como se espera os pais.

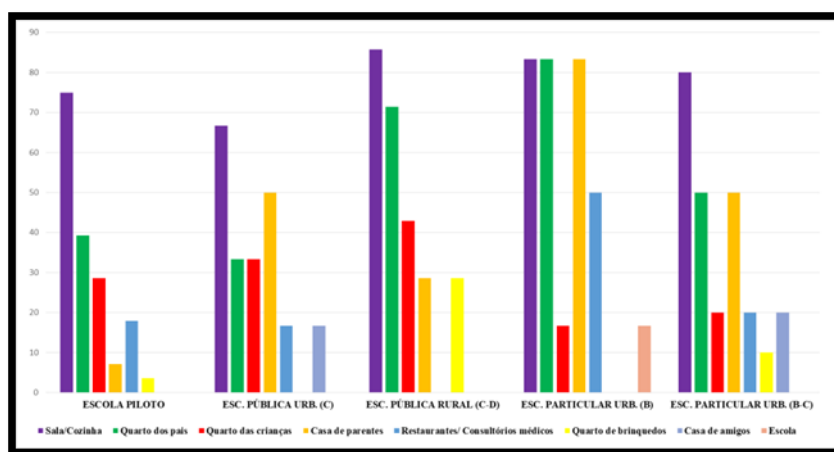
De fato, no primeiro contato do usuário no aplicativo do *YouTube Kids* é possível escolher as opções de interação por meio dos itens: *Aprender, Explorar, Músicas e Séries*. Ainda, a própria organização do aplicativo sugere uma inevitável mediação dos adultos, pois são os pais que escolhem que relação com as TICs a criança deve ter. No entanto, imediatamente que o usuário seleciona qual conteúdo acessar, ele recebe vídeos, através do item chamado de *Recomendados*, com propagandas voltadas para o público infantil. A preocupação dos pais em escolher o aplicativo *YouTube Kids*, portanto, não isenta a criança de acessar conteúdos indesejados pelos mesmos.

Então, o controle do uso das TICs pelas famílias das crianças, atendidas pelas escolas públicas e particulares de Viçosa, está relacionado às características do mundo contemporâneo - ao medo do isolamento (individualismo), da morte da infância e de tudo que pode estar relacionado a uma infância considerada ‘normal’: tomar sol, andar de bicicleta, das brincadeiras tradicionais infantis, ouvir músicas, brincar ao ar livre e com outras crianças, ter experiências concretas (consideradas reais como sendo o oposto de virtual). De acordo com Corsaro (2011), a busca do equilíbrio entre as brincadeiras tradicionais e da contemporaneidade insurge sobre os investimentos da vida da criança e do mundo adulto baseados em uma *ideia* de infância, muito mais do que na realidade das vidas das crianças.

Nesse véis, tais ideias são fundamentadas em pressupostos nostálgicos de uma infância perdida, sem brincadeira ou liberdade, os quais fazem parte de um esforço dos adultos em estar sob controle da infância real e do eterno luto da infância que viveram. Por conseguinte, essa ideia da forma correta de experienciar a infância, vem da maneira adultizada de se pensar que só existe uma maneira de uso das TICs- o uso adulto. Além disso, sobressai a questão de que quem não tem a linguagem (associado ao pensamento; à comunicação) desenvolvida não é capaz de usar de forma satisfatória essas tecnologias. Além disso, as narrativas produzidas sobre as crianças mantêm predominante a concepção baseada nos parâmetros de diferenciação moral e cognitiva entre o mundo adulto e o infantil, assim como as prescrições de proteção e preparação para o futuro (PEREIRA, 2015).

Outro aspecto, que é importante para a discussão das mediações parentais em torno do fenômeno das tecnologias na infância, diz respeito aos espaços em que as crianças usam as TICs. Aliás, esses espaços de uso das TICs foram analisados não apenas como parte do arranjo da estrutura física do ambiente privado ou público, mas considerando-os como dimensão produzida pelas situações vivenciadas e organizadas pelas crianças e suas famílias<sup>12</sup>. De acordo com os inqueridos, os espaços são considerados e vivenciados enquanto alternativas de controle, educação e formação das crianças das escolas públicas e privadas. Assim, os espaços mais citados sugerem um hábito de uso domiciliar.

**Gráfico 3:** Espaços de uso das TICs pelas crianças:



Fonte: Dados da pesquisa.

Os espaços mais citados pelas famílias das crianças foram os que possuem função compartilhada de uso nos domicílios, como a sala e a cozinha- onde há maior presença de adultos-, em seguida os cômodos que sugerem hábitos individuais como o quarto dos pais e o quarto das crianças. Os usos em espaços públicos, como ruas e praças, não foram marcados e a escola foi marcada apenas por uma família atendida pela Escola Particular Urbana (B). Esses resultados vão ao encontro das perspectivas de Pereira (2002) e Sarmiento (2018) quem dizem sobre as alterações cotidianas de vida, sobretudo nas espacialidades e nos modos de adultos e crianças se relacionarem. Nos termos dos autores citados, as crianças de diferentes segmentos sociais do presente estudo usam as tecnologias nos espaços em que prevalece a vida privada e introspectiva, relacionada às limitações da livre circulação das crianças no

<sup>12</sup> Estas análises vão ao encontro dos pressupostos da Geografia da Infância, que apresenta o espaço não apenas como uma categoria que revela aspectos do ambiente físico, mas também das relações de existência e experiência humanas.



contexto contemporâneo. Nas escolas públicas e na Particular Urbana (B-C) os responsáveis não consideram que a criança use as TICs na escola.

Os espaços fora do ambiente doméstico como os restaurantes e os consultórios médicos encaixam-se na lógica moderna de institucionalização, ligada a terceirização, das atividades das crianças de 60% das famílias das escolas particulares e menos de 30% das famílias das escolas públicas federal e municipal urbana, em seus tempos livres e em tempos de socialização das famílias. De acordo com a análise dos dados, as TICs são usadas como espaços/tempos Kids virtuais, em substituição aos espaços Kids físicos<sup>13</sup>, os quais são construídos especificamente para as crianças passarem o tempo enquanto adultos socializam.

### O oferecimento das TICs

Diante dos sinais que as crianças emitem, os quais indicam que estão ultrapassando as fronteiras estabelecidas na era moderna, os pais organizam os cotidianos infantis, por meio da oferta ou não das TICs, de forma que os usos dessas tecnologias estejam equilibrados entre as dinâmicas ou experiências cotidianas, tanto dos adultos quanto das crianças. O Quadro 2, a seguir, apresenta quatro ocasiões em que as famílias das escolas públicas e particulares de Viçosa oferecem as tecnologias para as suas crianças.

Quadro 2: Situações em que os pais oferecem as TICs às crianças, em porcentagem – Viçosa, MG:

1	ESCOLA PILOTO (%)	ESCOLA PÚBLICA URBANA (C) (%)	ESCOLA PÚBLICA RURAL (C-D) (%)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B) (%)	ESCOLA PARTICULAR URBANA (B-C) (%)
<b>1- Como distração</b>					
<b>Forma de ocupar o tempo durante a rotina</b>	14	17	43	17	40
<b>Ferramenta educativa moral</b>	4	17		33	40
<b>Uso nos espaços</b>	29	33	29	50	40

<sup>13</sup> Os espaços Kids são espaços dedicados ao lazer das crianças, estruturados em condomínios fechados, festas de casamento, restaurantes, com o objetivo de segregar as atividades infantis das dos adultos. Esses espaços são planejados via de regra, visando o bem-estar e a segurança das crianças.

<b>públicos</b>					
<b>Nos momentos de ocupação/trabalho dos adultos</b>	11	33	29	50	60
<b>Troca de aparelhos entre adultos e as crianças</b>	7	17			10
<b>2- Como instrumento de aprendizagem</b>					
	0	0	14	17	30
<b>3- Como entretenimento</b>					
<b>Relacionado à criança</b>	21	33	29	50	50
<b>Relacionado à Família</b>	4	33	29	17	10
<b>4- Como cumprimento do “dever” de criança e aluno</b>					
<b>Depois do brincar</b>	4	33	14	17	10
<b>Depois do estudar</b>		33			20

Fonte: Dados da pesquisa.

As distrações, apontadas no item 1, revelaram cinco formas de compreensão do uso das TICs pelas famílias das crianças atendidas nas escolas públicas e particulares de Viçosa: como modo de ocupar o tempo, como uma ferramenta educativa, uso nos espaços públicos, nos momentos de ocupação e trabalho dos adultos, e a troca de aparelhos entre adultos e crianças.

De acordo com as respostas das famílias, as TICs são oferecidas às crianças para fazer-lhes companhia distraíndo-as nos momentos de rotina, ou seja, banho, refeição e sono.

*Geralmente quando a criança está muito cansada e começa a assistir para dormir (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto).*

Entretanto, destacamos a importância das relações tecidas nesses momentos da rotina para a vida das crianças, por serem acontecimentos diários, recorrentes e previsíveis. De acordo com Corsaro (2011), a recorrência e o seu aspecto comum oferece oportunidade de as crianças reverem questões que são problemáticas e confusas sobre o mundo. Podemos inferir que as experiências construídas com as TICs afetam material e simbolicamente a vida dessas crianças quando deixam de viver essas experiências cotidianas em si e de estabelecer e reafirmar relações com seus familiares.

As famílias também oferecem as tecnologias enquanto civilizadoras, educadoras, acalmadoras e dominadoras. As mães e os pais, principalmente os das escolas particulares, de acordo com as suas respostas ao questionário, consideram as TICs como ferramenta de aprendizagem e de forma educativa moral.

Ofereço quando ela está atrás de mim ou quando não quer brincar mais sozinha [...].  
(Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)  
Quando ele está muito agitado ou sozinho (entediado). (Resposta da (do) responsável  
por uma criança da Escola Piloto)

Essa perspectiva das TICs enquanto uma ferramenta educativa moral faz parte da administração simbólica da infância quando se relaciona às regras, normas e procedimentos materializados em forma de atitudes dos adultos para condicionar a vida das crianças e para que elas correspondam às expectativas da sociedade. De acordo com Sarmiento (2004), essas regras não só direcionam o lugar da criança, como também do adulto, e definem fronteiras claras entre as duas gerações.

O oferecimento das tecnologias nos espaços públicos refere-se aos usos das TICs por crianças em outros espaços fora do domicílio (a exemplo dos consultórios médicos e restaurantes). Os estabelecimentos comerciais, por exemplo, como restaurantes, parques de recreação ou áreas específicas de lazer para as famílias, oferecem atividades dirigidas para as crianças e tentam convencer os pais que essas atividades são planejadas para o público infantil e uma alternativa segura. Então, dadas as condições modernas, que acarretaram no aumento da violência e abusos altamente veiculados pela mídia, o aumento de veículos automotores e, conseqüentemente, a falta de espaço urbano para as brincadeiras das crianças, as preocupações com o bem-estar e as condições de segurança das crianças se tornaram questões compreensíveis relativas à segurança infantil.

Os problemas concernentes aos medos e às preocupações paternas sobre a segurança dos seus filhos se ampliam quando os pais relacionam as suas preocupações com o estado das sociedades modernas de modo mais geral: falta de tempo para conhecer quem está perto e confiança no que está na mídia.

Uma vez que esses espaços são naturalizados como o 'não lugar' da criança e que criança corre, brinca, pula e conversa, assim, para acalmá-la e/ou distraí-la, os pais oferecem-lhes as TICs, que atua como um "ESPAÇO KIDS VIRTUAL". Ainda, isso se aplica, principalmente, quando esses espaços não oferecem um espaço kids físico em que a criança possa concentrar e/ou segregar do restante dos adultos. Assim, nos ambientes de espera, de passagem, as TICs ajudam a passar o tempo e a diminuir a ansiedade do que está por vir.

Além disso, este tópico também relaciona o uso das TICs pelas crianças como barganha para não haver discussões, argumentações, desobediências, nos momentos de intervenção de um adulto, como cortar o cabelo/tirar o sangue. Ademais, pode também ser interpretada como companhia, refúgio ao sentimento de medo, dor, afeto. Nesse viés, as TICs são como um refúgio.

*Para alguma forma de distração tipo cortar o cabelo, talvez para comer e em algum restaurante caso eles não queiram ficar mas são casos raros. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

Sarmiento (2018) afirma que as investigações sociológicas sobre as infâncias reforçam que a vida das crianças exprime a complexidade das realidades sociais contemporâneas e o fato de que os contextos urbanos podem favorecer ou restringir a cidadania e, portanto, a vida das crianças. A partir disso, o autor caracteriza tais fatores em seis dimensões, dentre as quais, destacamos uma: a domesticação.

A domesticação é um conceito relacionado às estruturas do espaço urbano e às limitações da livre circulação das crianças na cidade, assim como explica o fato de um conjunto de atividades livres das crianças serem controladas pelos adultos. Dentre as atividades livres destacadas por Sarmiento (2018) estão as atividades lúdicas desenvolvidas com os pares, e que podem ser identificadas em espaços delimitados como tendo o “seu lugar”: os parques infantis, os espaços kids dos restaurantes, os videogames como um espaço de entretenimento e os serviços especializados em festas infantis.

O já referido autor nos ajuda a entender, através do conceito de domesticação, que essa configuração dos espaços lúdicos, engendrada pelos adultos sob o pretexto de proteção das crianças, caracteriza-se em limitações à sua autonomia e impõe pautas regulatórias de comportamentos. Desse modo, o brincar das crianças, vigiado e controlado pelos pais ou pelos adultos responsáveis das empresas de eventos, impõe regras e pautas regulatórias de comportamento por meio de rotinas e rituais. Logo, limitam a inventividade e a criatividade, o que padroniza as possibilidades de ações das crianças (SARMENTO, 2018).

As crianças precisam de uma atenção a qual o adulto não pode oferecer no momento, devido aos afazeres domésticos. Assim, as TICs são usadas nos momentos em que os pais estão estudando, lendo um livro, trabalhando em casa, o que, em princípio, pode lhes impossibilitar de dar atenção à criança. Assim, as tecnologias atuam no intuito de evitar que as crianças tirem a concentração dos pais, por conversar, pedir alguma coisa, correr, gritar, chorar, por exemplo.

*Sim, enquanto eu faço faxina, comida [...] (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

*Sim. Quando eu precisava distraí-la pra eu conseguir fazer algo urgente na casa, como ir ao banheiro, olhar uma comida no fogão ou cuidar das irmãs menores. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

*Não gostamos que as crianças fiquem o tempo todo com TV ou tablet, mas os considero recursos que ajudam muito quando estou apertada com as 3 crianças sozinha em casa e tenho algo urgente pra fazer, como trocar fralda da caçula ou fazer comida. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

A troca de aparelhos entre os adultos e as crianças se revelou como uma categoria nativa. Ainda, este item pode estar ligado às outras subcategorias e também sugere que as crianças não possuem aparelhos próprios.

*[...] quando eu preciso do computador eu ofereço o celular. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

*Ofereço o que estou usando como troca. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

O segundo item do quadro 2 está relacionado às TICs que são usadas pelas crianças como instrumentos de ensino de conteúdo escolares, além de auxiliar na aprendizagem e no desenvolvimento da criança. Nesse sentido, as tecnologias são usadas para aprimorar o que já foi aprendido na escola e estabelecer uma ponte com o universo da educação formal. Ademais, são consideradas pelos pais como instrumentos equivalentes ao brinquedo pedagógico que auxilia no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Paralelo a isso, o mercado lucra na construção de jogos, aplicativos “disfarçados” de conteúdos exclusivos infantis para venderem o seu produto como seguro:

*As TICs, são ótimos instrumentos para a ensinar e aprender (as cores, sílabas, historinhas, etc). (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto).*

*Alguns vídeos educativos sobre o som das letras, em casos de pesquisa para dever de casa [...]. (Resposta da (do) responsável por uma criança da escola Piloto)*

Já o terceiro item mostra a ocasião do oferecimento das TICs, cujas situações estão associadas ao entretenimento infantil e familiar, assim como ligado aos interesses das crianças e das famílias, respectivamente.

*Às vezes procuro vídeos de músicas infantis, histórias ou mesmo músicas que gosto e ficamos vendo e escutando juntas. Elas gostam de assistir desenhos e filmes infantis*

*durante a semana e ficam em casa com a minha empregada.* (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

*À tarde ela gosta de ver vídeos infantis de brincadeiras, desenhos.* (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

*Nós assistimos aos programas que ela gosta, trocamos ideias sobre personagens.* (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

*Temos uma boa interação, pois sempre buscamos por vídeos e jogos com algum conteúdo aproveitável e de interesse familiar.* (Resposta da (do) responsável pela criança da Escola Piloto)

*Assistimos vídeos em outras línguas e ouvimos músicas juntas.* (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

*São joguinhos saudáveis que também jogamos com ele, de vez em quando, observamos sempre o seu comportamento.* (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)

No entanto, esse assunto do entretenimento deve ser tratado com restrições, razão pela qual os dados, que apontaram para essa categoria, vieram da narrativa adulta, ou seja, das respostas das mães e dos pais das crianças. Sendo assim, a forma de uso relacionada ao brincar pode ser reestruturada e se estender a objetivos pedagógicos e moralistas, na forma de "edutainment", ou seja, a combinação da educação com o entretenimento, conforme afirmam Goldstein, Buckingham e Brougère (2004). Nos termos de Corsaro (2011), a criança é quem precisa fazer as modificações nas formas de uso das tecnologias e encará-las ludicamente. Portanto, é na produção dos sentidos das crianças que as mesmas fazem do uso da tecnologia enquanto um brinquedo, ou não.

Outro aspecto que deve ser observado é o da liberdade e o prazer que a brincadeira proporciona. Para Huizinga (2005), as crianças gostam de brincar, e é exatamente por gostarem que reside a liberdade. Já para o adulto, as brincadeiras são atividades que poderiam ser dispensadas, algo supérfluo e só deixa de ser supérfluo na medida em que o prazer por eles provocado o transforma em uma necessidade. Neste sentido, para um adulto, é possível adiar o seu prazer ou a sua necessidade, pois ele é realizado nas horas de ócio, sem obrigações morais de realizar determinada tarefa. A não ser quando estiverem ligadas a funções culturais socialmente reconhecidas como os cultos e outros rituais.

O quarto item está relacionado ao papel dos pais de garantirem que as crianças, mesmo interagindo com objetos construídos inicial e exclusivamente para o mundo adulto vão: respeitar as regras de uso; não perderem o foco e o interesse nos estudos; construírem uma memória do tradicional, ou seja, brincar com brincadeiras que proporcionam movimento e criatividade. Logo, por recompensa, podem desfrutar das benesses das tecnologias.

*Sempre digo para minha filha que tem tempo para tudo. Sendo assim: tem que fazer o dever; brincar de boneca, assistir TV; usar o celular; tempo estipulado. (Resposta da (do) responsável por uma criança da Escola Piloto)*

De posse dos dados do quadro 2, ficam evidentes três formas de oferecimento das TICs para as crianças. Uma é o oferecimento em locais públicos, uma vez que, frequentemente, as crianças não têm território nesses espaços, já que os adultos tendem a ocupá-los. Outra situação se verificou, é durante as atividades dos adultos das famílias, as quais lhes impedem de dar atenção às crianças, que as mesmas, então, recebem as TICs. Por fim, os adultos levam em consideração o oferecimento para o lazer da criança, ainda que limitado.

Finalmente, pode-se dizer que as rotinas culturais das famílias constituir-se-iam em importantes espaços ou oportunidades para as crianças participarem da vida familiar cotidiana e desenvolverem um sentimento de segurança e de pertencimento a um grupo social. Nos termos de Sampaio, Máximo e Cavalcante (2017), os usos de aparelhos tecnológicos e os aplicativos indicam facilidade na comunicação com as famílias. No total das famílias pesquisadas, 26,32% dizem que as crianças ouvem música, 12,28% veem fotos e 10,23% das crianças conversam por chamada de vídeo. Esses aspectos revelam que as crianças participam desses espaços quando publicam e compartilham conteúdos com seus familiares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados demonstram que as crianças de 4 a 6 anos, que vivem na zona rural e urbana de Viçosa, não estão limitadas às fronteiras estabelecidas no início do período Moderno. Aliás, essas crianças estão experienciando um mundo em que as Tecnologias de Informação e Comunicação desempenham um papel importante no cotidiano dos adultos e que passam a fazer parte de suas vidas. Embora haja diferenciações nas condições sociais e culturais das famílias estudadas, e que, conseqüentemente, refletem nas suas dinâmicas familiares, há elementos comuns de práticas de uso, mediação e controle das TICs. Tais elementos caracterizam a infância contemporânea como um grupo social e geracional permanente, que vivencia o conjunto de experiências com as tecnologias, bem como também narrativas produzidas das mudanças oriundas das interações com a cibercultura.

Analogamente, o uso permitido das tecnologias é um importante espaço de interação das crianças com as suas famílias. Por meio da participação em tais rotinas entre seus pais e irmãos, vizinhos, primos e tios, quais sejam os membros das famílias que façam parte do seu núcleo familiar, as crianças têm oportunidade de iniciarem sua participação na cultura.

Entretanto, os dados apontam que este espaço está sendo na verdade utilizado como uma alternativa de controle dos pais para que seus filhos façam o uso 'seguro' e pedagógico da tecnologia. Desse modo, as respostas dos pais sugerem que o uso das TICs por suas crianças revela a natureza estruturada, controlada e planejada pelos adultos.

Esses elementos da infância contemporânea se fazem presentes também nos processos de administração simbólica adotadas pelas famílias, tanto das famílias das escolas públicas quanto das escolas particulares, para o controle e a mediação do uso das TICs. Além disso, os dados sugerem que as famílias atendidas tendem a mediar o uso das tecnologias de acordo com o equilíbrio entre as atividades infantis e adultas ou das suas expectativas de uma infância segura e saudável, sobretudo, em relação ao uso controlado da tecnologia, sem deixar os elementos do 'ser criança' marginalizados.

Percebeu-se que os usos das TICs pelas crianças se dão a partir da mediação e do controle dos adultos, sobretudo das mães e dos pais, desde a integração dessas crianças na Cibercultura, ou seja, com quem a criança aprende ou usa as TICs, como também na organização do tempo e dos espaços (de educação, lazer) dos seus cotidianos. A organização das dinâmicas sociais das vidas das famílias, que incluem as regras e as normas para o uso das tecnologias entre crianças e adultos, se dão por meio do oferecimento ou não das TICs pelos adultos (mães, pais e avós das crianças) e pelo controle dos tempos, espaços e dos conteúdos das TICs.

De forma geral, as mães e os pais seguem uma lógica moderna de industrialização, que tem como projeto um complexo processo de ensino no uso das TICs pelas suas crianças. Esse processo se materializa nas rotinas, nos conteúdos, no tempo e nos horários, assim como no oferecimento das TICs às crianças. De acordo com essa mediação, os pais das escolas públicas e particulares, que fizeram parte dessa pesquisa, estão sempre atentos ao controle do uso das TICs, pois a criança é orientada a consumir conteúdos próprios para a sua idade e tende a fazer a melhor escolha.

Pode-se perceber que as famílias têm seus rituais cotidianos e que o uso das tecnologias se encaixa nesses rituais, isso conforme o que os pais definem ou aceitam para os seus filhos. De acordo com as respostas das famílias, os mesmos tentam equilibrar a rotina, da melhor forma possível, com outras atividades que são consideradas mais infantis. Quando isso não é possível, as atividades com as tecnologias são planejadas para serem usadas enquanto ferramentas pedagógicas.

Podemos perceber outras questões que influenciam nas práticas das crianças e nos seus usos e interações com as TICs: como questões de gênero; afazeres domésticos "das



mães”; alternativas de controle das TICs; organização no espaço, no tempo; negociações de uso das TICs. Logo, os usos das TICs são muitas vezes como “espaço virtual kids”, ou seja, um espaço privilegiado de distração como uma estratégia para manter as crianças ocupadas enquanto os pais também estão ocupados com os afazeres domésticos, com seus amigos ou com o seu trabalho.

Finalmente, cabe perguntar: é a Cibercultura o lugar da (minha) criança? Por meio das organizações das dinâmicas cotidianas das famílias, as famílias estabelecem critérios para controlar e ao mesmo tempo proteger as crianças. No entanto, não podemos responder essa pergunta sem colocar a criança como protagonista dessa construção da cultura infantil. Pois, as crianças sempre questionam, selecionam, (re) interpretam as suas experiências sociais e constroem estratégias as quais modificam ou ressignificam as suas relações com os adultos e fazendo-os repensar sobre suas práticas.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Alessandra. O brincar em ambiente virtual. **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. Alessandra Alcântara, Brenda Guedes (orgs.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, mídia e educação: revisitando o conceito de socialização. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v.25, n.1, 57-82, jan./jun. 2007.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **R. Fac. Edc.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 1998.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia**; tradução de Maria Alice A. Sampaio Dória; revisão técnica de Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2004.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. - 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

BRITO, Rita; DIAS, Patrícia. Crianças até 8 anos e Tecnologias Digitais no Lar: Os pais como modelos, protetores, supervisores e companheiros. **Observatório Journal**, 072 – 090, 2017.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CGI.BR. **Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Crianças 2010**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012

Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 - 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. v. 1 828 p.

GOLDSTEIN, Jeffrey; BUCKINGHAM, David; BROUGÈRE, Gilles. **Toys, games and media**. Nova Jersey: Laurence Erlbaum, p. 1- 8. 2004.

JOBIM E SOUZA, Solange; PEREIRA, Rita. Marisa. Ribes. Infância, Conhecimento e Contemporaneidade. In: **Infância e produção cultural**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

JOBIM e SOUZA, Solange; SALGADO, Raquel Gonçalves. A criança na idade mídia: reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: **Estudo da infância: educação e práticas sociais**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil. **Espacios en Blanco**, Buenos Aires, n.24, p.81-106, jun 2014.

LE MOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23.

MENEZES, José Américo; COUTO, Edvaldo Souza. Clicar e brincar: o lúdico na cibercultura infantil. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, Salvador. **Anais...** Salvador, BA: UFBA, 2010.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior. In: **Infância em pesquisa**. PEREIRA, Rita Maria Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). Rio de Janeiro: Nau, 2012.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Precisamos conversar! Questões para pensar a pesquisa com crianças na cibercultura. In: **Infância: sociologia e sociedade**. REIS, Magali dos; GOMES, Lisandra Ogg (Orgs.). São Paulo: Edições Levana / Attar Editorial, 2015. 400 p.

SAMPAIO, Inês Silva Vitorino; MÁXIMO, Thinayna Medonça; CAVALCANTE, Andreia Pinheiro Paiva. Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades. **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. Alessandra Alcântara, Brenda Guedes (orgs.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. **Pro-Posições**, v. 26, n. 2 (77) | p. 223-239, mai./ago. 2015.

SARAMAGO, Sandra Silva Souza. Metodologias de pesquisa empírica com crianças. **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS**, n. 35, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga. 2004. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf)>. Acesso em 25/08/2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO** - PPGE/ME FURB. v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação** (Porto Alegre), v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago, 2018.

WEBER, Tiziana Brenner B; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, Eliane Cristine. Mídia, Consumo e a Adultização de Crianças: Uma Reflexão Macrossocial. **Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Curitiba - PR – 26 a 28/05/2016.